

Velho vento

Velho vento vagabundo!
 No teu rosnar somnolento
 Leva ao longe este lamento,
 Além do searneo do mundo.

Tu que irras dos campanários
 Nas grandes torres tristonhas
 És o phantasma que sonhas
 Pelos bosques solitarios.

Tu que vens lá de tão longe
 Como teu bordo das jornadas
 Perando pelas estradas
 Sombrias raras de monges.

Tu que soltas peradellos
 Nos campos e nas florestas
 E fases, por noites místicas
 Arripiar os cabellos.

Tu que contas velhas lendas
 Nas harpas da tempestade,
 Viagens na Immensidade
 Banuikas todas as sendas.

Tu que sabes mil segredos,
 Mystérios negros, retrócos
 E formas das dubias vozes
 Dos soturnos arvoredos.

Sue tornas o mar sarbudo,
 Implacavel, formidando
 As brutas trompas soprando
 Sob um céu trevoso e nu.

Sue penetras velhas portas
 Atravessando por frechas.
 E auras, rasgunchas, quinas
 Nas êrnas aldeias mortas.

Que ao luar, pelos engenhos,
Nos miseráveis casebres
Espalhas frios e febres
Com teus aspectos ferrenhos.

Que solucas nos sinbórios
Os teus ~~felinos~~ queixumes,
Uivando nos altos cumes
Dos montes verdes e floridos.

Que te dispersas no espaço
Perdido no estranho rumo
Por entre visões de fumo,
Das estrelas no regaço.

~~Que pelas campinas bonas
Com teus algarizes, desastres
As flores e ervas e mais pastas
Das mais limpidas lavours~~

Que de Requiem e surdinas
E de hieroglyphos secretos
Enches os lagos quiéticos,
Revestidos de neblinas.

Que ruges, brames, trovejas,
O velho vandalo amargo,
No sonambuloso lethargo
De um moinho rondando egrejas.

Que fallas também baixinho,
Lá da origem do mysterio,
Traçando o augurio sidereo
E certa voz de carinhoso...

Que nas ruas mais escuras,
Por tardes de nuvens feias,
Como um ebrio cambaleias
Rasgando pragas confusas.

Que és o bohemio maldito,
O renegado bohemio,
Em tudo ~~o~~ ^{sempre} irmão gemeo
Do sonhador Infinito.

Que és como o louco das praças
Nos seus gritos delirantes
Clamando a pulmões possantes
Todo o Inferno das desgraças.

Que lembra dragões convulsos,
Bufantes, aéreos, soltos,
Noctambulando revólto,
Mordendo as caudas e os pulsos.

O' velho vento saudoso,
Velho vento compassivo,
O' ar vulcânico e vivo,
Faciturno e tormentoso!

Alma de ancias e de brados,
Consolador companheiro,
Sinistro deus forasteiro
De espaços illimitado!

Tu que andas, além, perdido,
Tactando na esfera imensa
Como um cego de nascença
~~Nos desertos~~ esquecido...

Que góras toda a paragem,
Toda a região mais diversa,
Levando sempre dispersa
A tua quicipa selvagem.

Que no trágico abandono,
No tédio das grandes horas
Desoladamente choras,
Sem fadigas e sem sono.

Que te lembra as tuas mães.

Nas fúrias ^A negras, dantescas,
 Torturas medievalescas
 Dos ímpios inquisidores.
 Que és sempre a ronda das casas,
 Agilmente sentinella
 Que tudo desgrêha e gela
 Com o tórvo rumor das aras.

Que parêces hordas e hordas
 De hirsutos, intousos bardos
 Vibrando canticos tardos
 Por lyras de cem mil cordas.

O vento languido e vago,
 O phantasma das brumas,
 O pro equivo das espumas,
 Chida-me o teu ~~grampo~~ affago!

Que a tua sombra me envôlva,
 Que o teu vulto me consôle
 E o meu sentimento nôle
 E nos astros se dissôlva.

Que eu me liberte das ancias,
 De anciedades me liberte,
 Pairando no espasmo inerte
 Das mais longinquas distancias.

Eu quero perder-me a fundo
 No teu ~~segredo~~ ^{segredo} nevoento,
 O velho e velado vento,
 Velho vento vagabundo!

Erur e Laura.